



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

CINEMA, UM INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO – O PROJETO CINE JARDÃO

Maria de Fátima Barros Silvestre*
(Faculdade Cantareira-SP/ Colégio Jardim São Paulo)

RESUMO

Este trabalho apresenta o Projeto Cine Jardim, realizado com alunos de Ensino Médio, envolvendo professores de diferentes áreas do conhecimento, que utiliza o cinema como instrumento pedagógico, visando criar oportunidades de uma aprendizagem mais relacionada à realidade em que se insere o aluno. Busca-se, numa perspectiva interdisciplinar, uma apropriação crítica do que se manifesta a partir dessa produção cultural – construção de senso crítico permeado pelo conhecimento, pela reflexão e pela discussão – e a produção de conhecimento a partir dessa apropriação – elaboração de ensaios.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema na escola; Aprendizagem significativa: Múltiplas formas de aprender.

INTRODUÇÃO

Se a escola institucionaliza a relação da sociedade com o conhecimento, nela se faz urgente a reflexão a respeito de seu papel e sua consequente ressignificação. Pensar a escola como um espaço de possibilidades, no sentido de promover a

*Graduada e Licenciada em Letras pela UERJ; especialista em Didática do Ensino Superior pelas Faculdades Estácio de Sá; professora de Língua Portuguesa da Faculdade Cantareira-SP; coordenadora de Língua Portuguesa; e professora do Colégio Jardim São Paulo. Participou do Programa de Formação de Professores do Museu da Língua Portuguesa, integrando o grupo de formadores especialistas. Membro da comissão coordenadora de Projeto de Cinema e Educação do Colégio Jardim São Paulo.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

autonomia, a autoria, o respeito à diferença e não o autoritarismo, a formatação e a homogeneização, neste século em que tantos recursos técnicos e tecnológicos estão à disposição da sociedade, é não perder de vista uma das maiores finalidades da educação – formar cidadãos competentes para atuar na sociedade. E muitos já são os teóricos, os pensadores dessa escola ressignificada.

Neste início do século 21, no entanto, percebe-se que é grande ainda a distância entre teoria e prática na escola e a contradição torna-se uma realidade no contexto escolar. Kleiman e Moraes (1999), em um estudo sobre leitura e interdisciplinaridade, nos descrevem essa contradição:

No âmbito pedagógico, as contradições são, talvez, mais evidentes. Difunde-se um conhecimento fragmentado, e exige-se um indivíduo por inteiro. Procura-se fazer com que o aluno memorize o máximo de teoria possível, e cobra-se dele, no mercado de trabalho, a formação prática necessária a uma boa atuação na empresa. Deixa-se o aluno fora do processo, alienado, e exige-se um cidadão crítico, participativo, inserido no contexto. Apesar da flexibilização curricular em todos os níveis exigida pela LDB, mantém-se a hegemonia do livro didático que apresenta o conhecimento de maneira linear, sequencial, dividido em unidades arbitrárias, e critica-se o aluno por não saber estabelecer relações entre o que aprendeu na escola e a realidade. Dá-se ênfase ao trabalho individual e lamenta-se a inexistência do espírito coletivo, da solidariedade (KLEIMAN; MORAES, 1999, p. 13,14).

Diante disso, a resposta do educador a essa inquietante e contraditória realidade, no entanto, é que fará ou não a diferença neste século 21. Repensar práticas pedagógicas, propor práticas alternativas que contemplem as necessidades do novo século são atitudes urgentes para o educador. Essa necessidade aparece claramente no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

...o próximo século submeterá a educação a uma dura obrigação que pode parecer, à primeira vista, quase contraditória. A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele (DELORS, 1998, p.89).

Nesse sentido, a literatura nos empresta algumas pistas. “Tudo na vida começa com um sim.” Clarice Lispector (2005) inicia *A Hora da Estrela* instigando o leitor a uma resposta. Convidando-o a assumir a vida, a assumir-se. Talvez porque fosse nos falar de Macabéia, personagem que se tornou uma metáfora do não, anulada pelas forças opressoras de uma sociedade que lhe cobrava o conhecimento, embora não lhe permitisse o alcance. Ela não tinha o conhecimento. Nem o de si mesma. Muito menos o do outro. E menos ainda o sistemático.

A educação nos cobra o desafio do sim. Do sim ao novo. Do sim ao outro. Do sim, principalmente, ao conhecimento, à reflexão. À mudança. À transformação da realidade. E nesse sentido é importante pensarmos outras possibilidades para a nossa prática pedagógica.

A *Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* também nos chamou a atenção para esse desafio quando

...manifestou a esperança de ver o ensino formal [...] desempenhar junto dos alunos um papel cada vez mais importante na formação das qualidades de caráter de que necessitarão, mais tarde, para se anteciparem às transformações e se adaptarem a elas. Os alunos devem poder adquirir na escola instrumentos que os habilitem, quer a dominar as novas tecnologias, quer a enfrentar os conflitos e a



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

violência. É preciso cultivar neles a criatividade e a empatia de que terão necessidade para serem, na sociedade de amanhã, cidadãos ao mesmo tempo atores e criadores (DELORS, 1998, p. 135,136).

Diante de tal desafio, o educador precisa abrir diálogo com as múltiplas formas de aprender, mostrar-se capaz de transformar o espaço escolar e modificar e inovar o processo de ensino e aprendizagem. O professor Dr. José Manuel Moran, ressalta:

O novo profissional da educação integrará melhor as tecnologias com a afetividade, o humanismo e a ética. Será um professor mais criativo, experimentador, orientador de processos de aprendizagem presencial e a distância. Será um profissional menos falante, menos informador e mais gestor de atividades de pesquisa, experimentação e projetos (MORAN, 2005).

Nesse contexto, trabalhar com o cinema – objeto de fruição e de conhecimento – na escola abre um leque de oportunidades para a construção de senso crítico permeado pelo conhecimento, pela reflexão e pela discussão, afastando visões a partir do senso comum. Esses objetivos nortearam os professores participantes do projeto que passamos a descrever.

O Projeto Cine Jardim

Esta atividade consiste na exibição mensal de filmes para alunos do Ensino Médio – com diferenciação na escolha dos filmes: um para as 1^{as} e 2^{as} séries e outro para a 3^a série, em função dos centros de interesse. Segue-se à exibição do filme um debate com provocações preparadas por professores previamente escolhidos, segundo a temática e a área de conhecimento interessada.

Vale aqui ressaltar que o Projeto valoriza a opção do aluno, a sua vontade de crescer no conhecimento e por isso acontece sem obrigatoriedade e sem métodos



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tradicionais de avaliação. Não existe uma avaliação formal. Em lugar desta, propomos provocações para os alunos sugerindo-lhes a produção de pequenos ensaios teóricos acerca das inquietações que surgem durante os debates e a possibilidade de publicação, inicialmente, no jornal e no site da escola.

Observando Ausubel (apud MOREIRA, 2000), só podemos aprender a partir daquilo que já sabemos e também para aprender significativamente, o aluno tem de manifestar uma pré-disposição. Partir dos conhecimentos prévios do aluno e sugerir provocações calcadas em análises sob pontos de vista de diferentes áreas do conhecimento, acreditamos, pode contribuir para a construção da experiência da significação, principalmente se isso é feito por escolha, sem obrigatoriedade e cobrança formal.

Fedatto e Machado (2007) apresentam-nos um trabalho de análise de três filmes – *Pink Floyd – The wall* (1982), *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989) e *A voz do coração* (2004) – que discute as relações de poder em sala de aula, o modo “como a sobreposição entre autoridade e autoritarismo vai se (des) (re) fazendo e possibilitando (ou impossibilitando) modos diversos de autoria para professores e alunos” (FEDATTO; MACHADO, 2007). Nesse trabalho, numa perspectiva discursiva, as autoras propõem a escola como um espaço que possibilite a autoria de professores e alunos, que permita a legitimação de sentidos não-previstos, a experiência da significação. E ajudam-nos – a nós, educadores do século 21 – sobremaneira, a refletir sobre os sentidos do professor na sociedade.

O Projeto Cine Jardim pretende, assim como nos falam Fedatto e Machado (2007), as autoras de *O muro, o pátio e o coral ou os sentidos no/do professor*, promover a possibilidade de uma discussão do próprio papel do colégio – Colégio Jardim São Paulo / São Paulo – como promotor de autores e não mais de repetidores -



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

papagaio¹⁴⁷ “o aluno não é aquele que não sabe e deve obedecer, mas alguém que tem uma história e pode aprender a partir dela”(FEDATTO; MACHADO, 2007).

Nesse sentido, com o objetivo de ampliar as possibilidades para os alunos *jardanenses* – já que se buscam cidadãos atores e criadores (DELORS, 1998) e, por outro lado, conta-se com alunos que manifestam vontade de externar seu pensamento, ao debaterem assuntos relacionados à vida, à existência, à nossa atuação na construção do mundo –, e também de produzir uma identificação entre o aluno, sujeito que assiste ao filme, e os personagens da história, os filmes apresentados abordam tanto temas relacionados à arte e à atualidade quanto ao conteúdo das matérias trabalhadas em sala de aula, além de questões ligadas à existência humana.

A título de ilustração passamos a apresentar os dois primeiros filmes do projeto e os motivos de sua escolha, assim como as provocações sugeridas.

Os alunos das terceiras séries do Ensino Médio começaram o projeto pelo filme *A vida é bela*, Itália, 1997, Roberto Benigni. Já os alunos de segundas e primeiras séries assistiram a *Perfume de Mulher*, 1992, EUA, Martin Brest.

Os dois filmes foram sugeridos por apresentarem questões fundamentais à existência humana. No caso de *A vida é bela*, a questão da referência e a análise do comportamento do personagem pai em relação a uma situação limite – a guerra – visto como um ato de alienação. No caso de *Perfume de mulher*, o olhar como vínculo de alteridade, a questão dos princípios, a insensatez, a sensibilidade.

As provocações aconteceram a partir de comunicações de professores escolhidos anteriormente. Em *A vida é bela*, um professor de Literatura levantou a questão da referência a partir de textos poéticos – Augusto dos Anjos / final do século 19, Carlos Drummond de Andrade, século 20 – e uma professora de História levantou a questão de ser a atitude de Guido, personagem pai do filme, um ato de alienação.

147 Conferir Eni Orlandi 1999, p.54, formas de repetição.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Por outro lado, em *Perfume de Mulher*, um professor de Sociologia apresentou a questão do olhar, vínculo de alteridade, polemizando a partir de fotografias de Egvan Bavcar, fotógrafo e filósofo, cego.

Por que o cinema?

O cinema mostra-se um importante elemento na construção da experiência da significação.

À luz das novas teorias interacionistas, o cinema e os meios em geral constituem campos de interação simbólica em que os sujeitos constroem e compartilham significados” (RIVOLTELLA, 2005:75). Além de ser elemento de um ambiente simbólico e envolver uma atividade cognitiva, o cinema é sobretudo emoção e importante lugar de investimento psicológico.

Mais que outro produto da indústria cultural, o cinema “goza do privilégio de ser reconhecido com um estatuto estético que o aproxima da arte e da literatura: o que confirma a forte inscrição de autoria (o Potêmkine é de Eisenstein como a Gioconda de Leonardo) e o desenvolvimento de estudos críticos e históricos que o olham (idem, p.76) (FANTIN, 2006).

Fantin (2006), em seu trabalho *Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola*, discute as possibilidades educativas e as formas de mediação dessa prática cultural na escola. Defende inclusive o seu uso não só restrito a um recurso didático, mas, principalmente, como objeto de experiência estética e expressiva da sensibilidade, do conhecimento e das múltiplas linguagens humanas. Ela apóia-se em Rivoltella e Napolitano (apud Fantin, 2006):

Rivoltella (2005:77) sublinha que a modalidade do “cinema como representação da história” e “espelho da realidade” permite redimensionar a relação do sujeito com a natureza e com a cultura,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

seja através da ficção ou do documentário histórico. ‘Trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte’ (NAPOLITANO, 2003:11). E é nesse limiar entre o uso “escolarizado” que restringe o cinema a um recurso didático e o uso do cinema como objeto de experiência estética e expressiva da sensibilidade, do conhecimento e das múltiplas linguagens humanas que podem inspirar outras práticas escolares que situo a importância de redimensionar o caráter instrumental do cinema (FANTIN, 2006).

É Napolitano (2009), citado por Fantin (2006), que nos fala do cinema como uma “nova” linguagem centenária, já que, embora tenha completado mais de cem anos, foi descoberto pela escola tardiamente. Também segundo esse autor, “trabalhar com o cinema[...] é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, 2009). E citando Almeida (apud NAPOLITANO, 2009) nos mostra a importância da utilização do cinema na educação “... é importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vivido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora dos conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados (ALMEIDA, 2001:48).” (apud NAPOLITANO, 2009).

Belloni (2005), em seu trabalho *O que é mídia-educação*, ajuda-nos a refletir sobre o uso educativo das tecnologias de informação e comunicação. Segundo Napolitano (2009), embora Belloni (2005) apresente-nos o conceito de mídia-educação mais aplicável à chamada “comunicação de massa” (televisão, rádio e Tecnologias de Informação e Comunicação /TIC), a utilização do cinema na escola pode ser inserida no campo de atuação pedagógica da mídia-educação. E, nesse



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

sentido, as reflexões propostas por Belloni (2005) se mostram fundamentais – a proposta de novos modos de aprender, novos professores e novos alunos:

Do livro e do quadro de giz à sala de aula informatizada e on line a escola vem dando saltos qualitativos, sofrendo transformações que levam de roldão um professorado mais ou menos perplexo, que se sente muitas vezes despreparado e inseguro frente ao enorme desafio que representa a incorporação das TIC ao cotidiano escolar. Talvez sejamos ainda os mesmos educadores, mas certamente nossos alunos já não são os mesmos [...], têm uma relação diferente com a escola. Abre-se um novo e vasto campo de pesquisa, que diz respeito aos “modos de aprendizagem mediatizada” (cf. PERRIAULT, 1996, p.241). Este novo campo, necessariamente interdisciplinar, tem que considerar os dois principais componentes dessa nova pedagogia: a utilização cada vez maior das tecnologias de produção, estocagem e transmissão de informações, por um lado, e, por outro, o redimensionamento do papel do professor. Papel este que, ao que tudo indica, tende a ser cada vez mais mediatizado. O professor tende a ser amplamente mediatizado: como produtor de mensagens inscritas em meios tecnológicos, destinadas a estudantes a distância, e como usuário ativo e crítico e mediador entre esses meios e os alunos (BELLONI, 2005, p.27, 28).

Esse usuário ativo, crítico e mediador de que nos fala Belloni (2005) é que pretendem ser os educadores envolvidos nesse projeto de cinema como instrumento pedagógico para a produção de conhecimento – o Cine Jardim.

CONCLUSÕES

Sabe-se que não é de hoje que o cinema é utilizado como instrumento pedagógico, sabe-se que este não é o primeiro, nem será o último projeto



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

extracurricular que utiliza o cinema. No entanto, sabe-se também que ressignificar a prática pedagógica é urgente.

Napolitano (2009), citando Almeida (apud NAPOLITANO,2009), empresta as palavras desse autor para dizer que vale a pena a utilização do cinema num projeto pedagógico:

Acreditamos que é possível, mesmo o professor não se tornando um crítico cinematográfico altamente especializado, incorporar o cinema na sala de aula e em projetos escolares, de forma a ir muito além do “conteúdo” representado pelo filme. (ALMEIDA,2001 apud NAPOLITANO, 2009).

Portanto, mesmo não sendo inédito, o Projeto quer ser novo, quer ressignificar na escola em que está inserido práticas pedagógicas que nem sempre possam favorecer a autonomia, a autoria, a participação na construção da sociedade. Mesmo não sendo inédito, o Projeto Cine Jardim busca o espaço diferente – aberto para a construção de significados que permitam ao aluno interagir com a sociedade a partir de uma postura crítica, aberto para a construção de significados que permitam ao aluno sobreviver na sociedade contemporânea. Assim, o aluno poderá, segundo Moreira (2000), *lidar construtivamente com a mudança sem deixar-se dominar por ela, manejar a informação sem sentir-se impotente frente a sua grande disponibilidade e velocidade de fluxo, usufruir e desenvolver a tecnologia sem tornar-se tecnófilo.*



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

REFERÊNCIAS

- DELORS, Jacques et all. *Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1998.
- KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Coleção Idéias sobre Linguagem. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.
- FANTIN, Monica. *Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola* (Disponível em <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0652-1.pdf> - acesso 18/06/2009).
- MORAN, JM. *As múltiplas formas de aprender - Atividades & Experiências do Grupo Positivo*, 2005. (disponível em <HTTP://www.eca.usp.br/prof/moran/positivo.pdf> - acesso em 21/06/2009).
- MOREIRA, Marco Antonio. *Aprendizagem significativa crítica*. Versão revisada e estendida de conferência proferida no *III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa*, Lisboa (Peniche), 11 a 15 de setembro de 2000. Publicada nas Atas desse Encontro, p. p. 33- 45, com o título original de *Aprendizagem significativa subversiva*. (Disponível em <HTTP://www.ufrgs.br/~moreira/apsigcritport.pdf>. Acesso em 21/06/2009).
- BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. 2ª ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- FEDATTO, Carolina Padilha; MACHADO, Carolina de Paula. *O muro, o pátio e o coral ou os sentidos no/do professor*. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (org.). *Discurso e ensino: o cinema na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.